

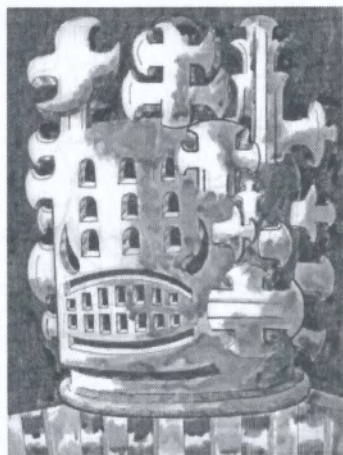


Texto Pompeu Miguel Martins
Música Nelson de Quinhones
Desenho César Taíbo

As Mulheres

Um livro para a paz numa
visão feminina do mundo

As Mulheres



Título
As Mulheres

Autores
Texto – Pompeu Miguel Martins
Música – Nelson de Quinhones
Desenho – César Taibo

©2001, Novembro, Labirinto
ISBN 972-8616-04-X
Depósito Legal 173836/01

Direitos reservados por:
Terra Labirinto - Associação para a promoção de autores
Travessa Soares Veloso, 76 - 4820-351 Fafe
Pompeu Miguel Martins
Nelson de Quinhones
César Taibo

Capa e Direcção Gráfica
Nuno Antunes

Desenho da Capa
César Taibo

Fotografia de Pompeu Miguel Martins
e Nelson de Quinhones
Ángela Mendes Ferreira

Fotografia de César Taibo
Nelson de Quinhones

Fotocomposição e Execução
Secção de Artes Gráficas
das Oficinas de Trabalho Protegido da APPACDM de Braga
Rua da Bouça, Quinta do Amorim - Gualtar
Tel.: 253 603 270 – Fax: 253 679 758
4710-053 BRAGA

Apoios:

Câmara Municipal de Fafe



Luís Vieira & Associados
Sociedade de Consultores, Lda.



As Mulheres

Texto – Pompeu Miguel Martins

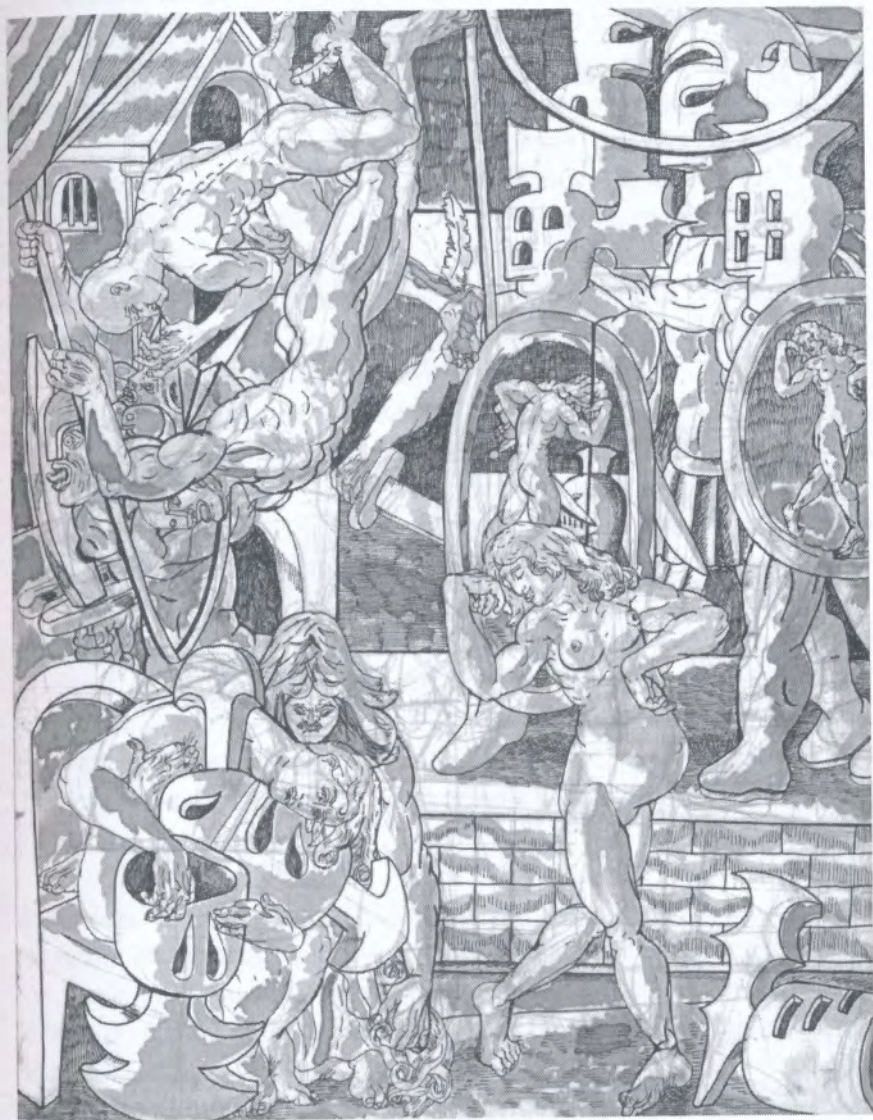
Música – Nelson de Quinhones

Desenho – César Taíbo



L A B I R I N T O

Acto I



Cena 1

Dois edifícios em cena, a casa de Lysistrata e a entrada da Acrópole. Sente-se um leve vento. Lysistrata caminha, de um lado para o outro, em frente a sua casa.

Narrador – *(Um ser assexuado que paira sobre o cenário, observando os personagens sempre do alto)* Repetem-se como os ventos as palavras do tempo, palavras simples, palavras que nomeiam, palavras onde passam e regressam os humanos que aí vivem em círculos inacabados.

Como podem ser inacabados os círculos? É esta a questão que não se ouve. Que não ouvistes tantas vezes. Escutai. O vento. O vento é um círculo inacabado. Dura tanto como o Homem e cerca o mundo vezes sem conta, em formas desiguais, e não termina e é redondo como redondos são os desejos que nos turvam a visão.

Andar em círculo é saber distante o caminho que se recorda como uma recta que parece infinita. Começa assim um caminho em círculo: uma recta pequena, em frente, uma recta onde se deixa de ver o seu passado à medida que cresce e se julga infinita. Um círculo é uma recta onde o passado se esquece, até que se feche, até tocar de novo o lugar perfeito onde tudo nasce.

Assim também é o mundo e as suas ideias: perfeito quando regressa ao lugar de onde se avista claramente o princípio, ou quando começa. O mundo que cria, devolvendo a existência de um tempo apoderado e infinitamente belo. O mundo a seguir à inevitável recta onde repousa a beleza e a paixão até que o rasto se perca e tudo se transforme. Voltar-se-á um dia.

Lysistrata – Se eu soubesse onde param as palavras que as minhas mãos anseiam, não para que aqui morassem, mas para que aqui pudessem tocar os lábios de todas as mulheres que já avistaram seus homens perder a noção do caminho! Onde vão esses homens? Não sabem, nunca sabem. Porém caminham velozmente e apenas olham para trás quando o cansaço faz nascer no seu coração a pequena morada do amor.